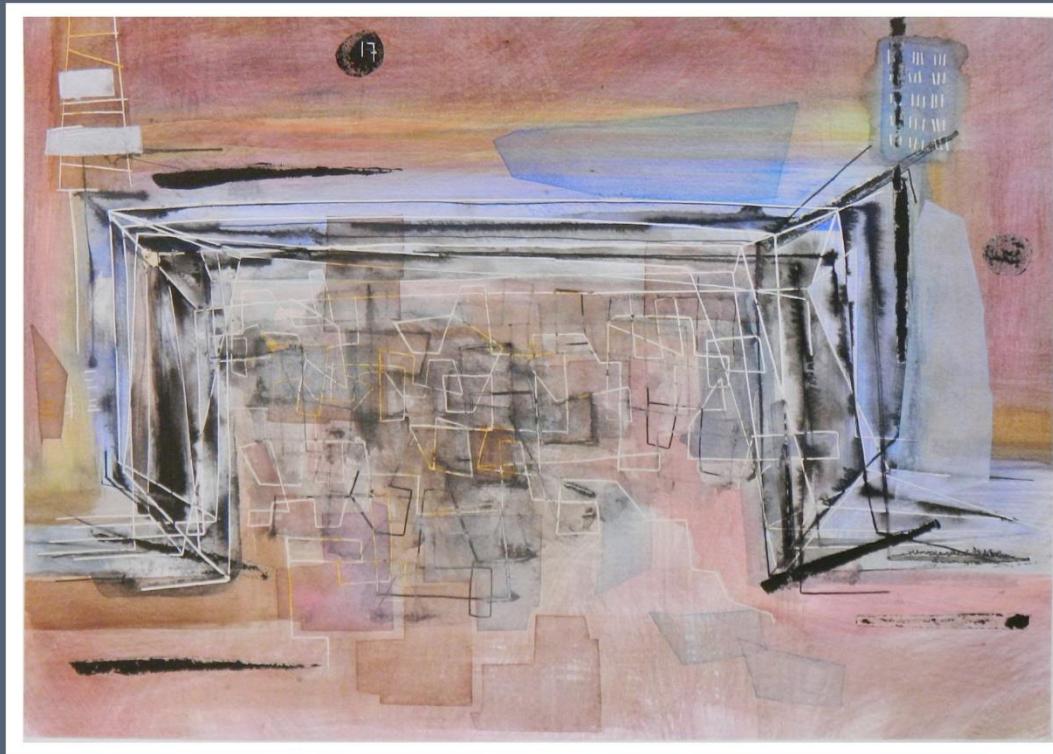


MERGULHO LIVRE EM ÁGUAS PROFUNDAS

Raquel de Alencar Barros

MERGULHO LIVRE EM ÁGUAS PROFUNDAS

Raquel de Alencar Barros



1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES - DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS**

RAQUEL DE ALENCAR BARROS

MERGULHO LIVRE EM ÁGUAS PROFUNDAS

Trabalho de Conclusão de Curso , apresentado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Liliza Mendes

COMISSÃO AVALIADORA:

Mário Zavagli
Giovanna Martins

Belo Horizonte, 30 de junho de 2017



PRÓLOGO

As palavras aqui reunidas são produto das pinturas desenvolvidas durante o percurso na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Sob orientação da professora Liliza Mendes, exponho a íntima conversa que foi o grão dos meus tons.

A água como berço das imaginações é o reflexo retido nessas páginas, e sendo assim, a prosa desembola conforme marolas propagadas por imagens.

Sob a asa da poesia, busquei, ao meu modo, transcrever tudo aquilo que me motivou a trabalhar em aquarela. Admito inseparável da pintura os veios de água que nunca desapareceram do meu corpo, espólio dos muitos mergulhos que me levaram ao mar. Mas não um mar cartográfico, nomeado ou navegável. Este de que falo é infinito, por dentro.

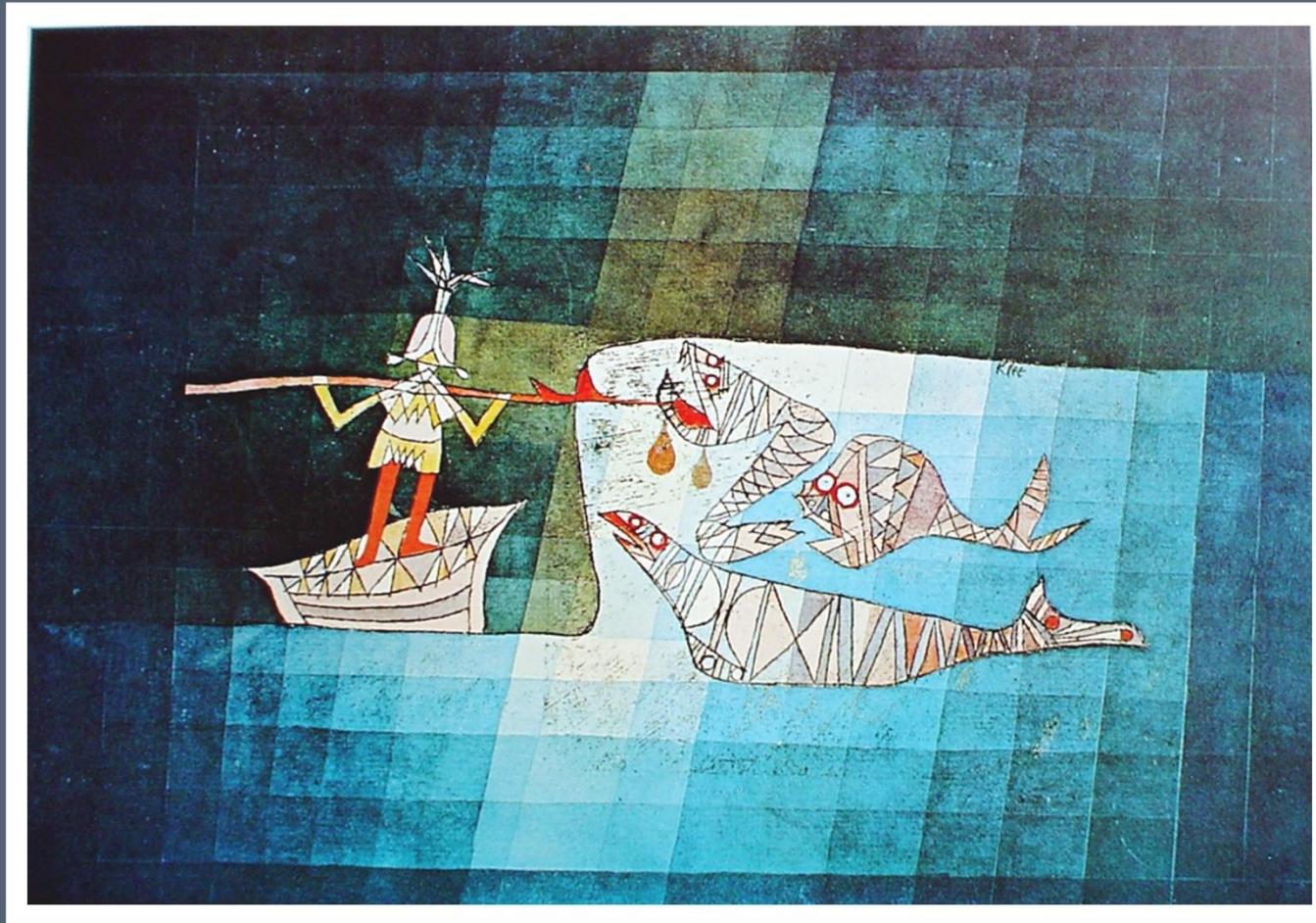
Nada teria sido se eu não soubesse nadar. O esporte me trouxe muita meditação, e silêncio para não pensar. Contra a água meu corpo teso descarrega, recebendo de volta ondulações dóceis, e depois, nada. A natureza do elemento, certamente, é do meu gosto. Acabei fazendo uso de toda e qualquer metáfora que coube, porque é dessa maneira que, estando debaixo d'água, enxergo o mundo seco.

Guardei nas retinas imagens fantásticas, e aqui neste livro elas estão espalhadas. São maravilhas que me entusiasmaram, dos artistas Paul Klee, Julius Bissier e Wassily Kandinsky. Compuseram o meu imaginário e é simples notar que guiaram minhas mãos. Transcrevo o reflexo dessas imagens na água do rio que corre em mim como pequenos textos vibrantes de surpresa e inacreditável espanto.

Minha produção foi muito alegre. E cada papel que encharquei vem da água que meus amigos me trouxeram. E essa água vinda de longe compõe o tanque que sou. Nada aqui é meu.

Para
Philippe & Ulisses

Começou no mar, há tempos, depois das ondas...



Paul Klee
Cena de batalha da ópera fantástica "O Navegador"
Decalque a óleo, lápis, aquarela e guache sobre papel
34,5 x 50 cm
1923

Íamos pra longe, no fundo, onde não dava pé, para tentar enxergar peixes maiores, e sentir os volumes de água que o alto mar trazia para nos erguer, e depois descer novamente, como fazem as curvas de um tobogã. Um dia escorreguei dos braços do meu pai quando voltávamos à rebentação. Submergir nunca me trouxe medo, fui descendo lentamente e desvendando uma variedade de pares de pernas, brancas e pretas, que pareciam dançar ao redor. Fiquei ali talvez mais de um minuto, prestando atenção ao som submerso das ondas que quebravam. Havia o borbulhar agitado, e em cima, a espuma branca que se desfazia em desenhos diversos. Azul esverdeado, a água ligeiramente turva, feixes de luz que penetravam essa manta e tremeluziam na minha pele, tudo era bonito. De repente sou resgatada pelas axilas, e meu irmão grita:

“pai, achei!”

Agora deveria esperar na areia, onde era mais seguro, que eles voltassem. Só brincar no raso...

Depois fui nadar os quatro estilos, com muito rigor. Corpo esticado, em riste! Eu dormia de maiô. Tinha a marca de sol e o cheiro de cloro na pele. Um cuidado primoroso com os óculos e a touca, tudo me divertia. E desde aquela primeira lembrança no mar, busco refúgio na água.

Conseguir dizer é difícil. Tenho sempre o quase, o semelhante. Mas não o exato. As palavras são complicadas, e sendo assim, só me confortaram os nomes que encontrei na estante. O primeiro deles, me falou do mar, e segue assim:

Ó mar salgado, quanto do teu sal

*São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!*

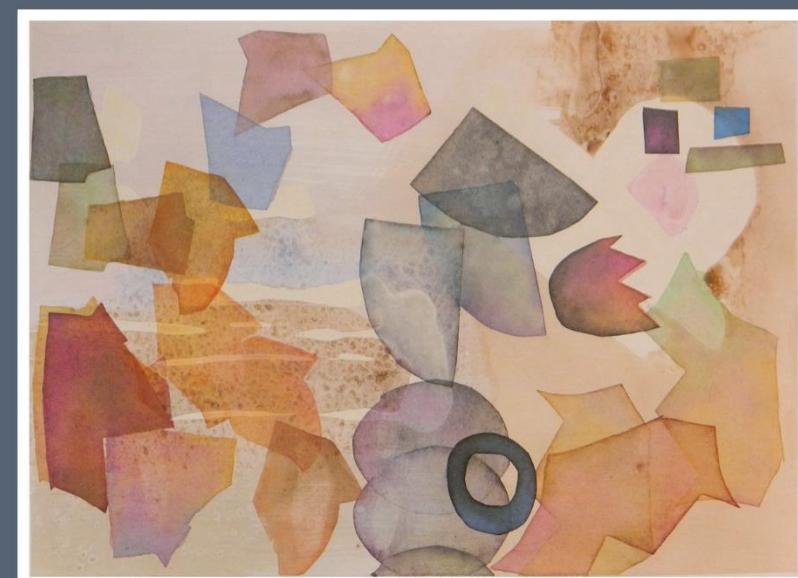
*Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.*

*Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Mas nele é que espelhou o céu. A última estrofe me arrebata, e penso nela constantemente. A água como o de dentro profundo, abissal fecundo que guarda mistérios. Um atlas enorme sobre a vida marinha me divertia depois da aula, sob o qual eu me debruçava com curiosidade perante a estranheza de águas-vivas e peixes bioluminescentes. Eu devo mergulhar, a água chama, coisa evidente.



3



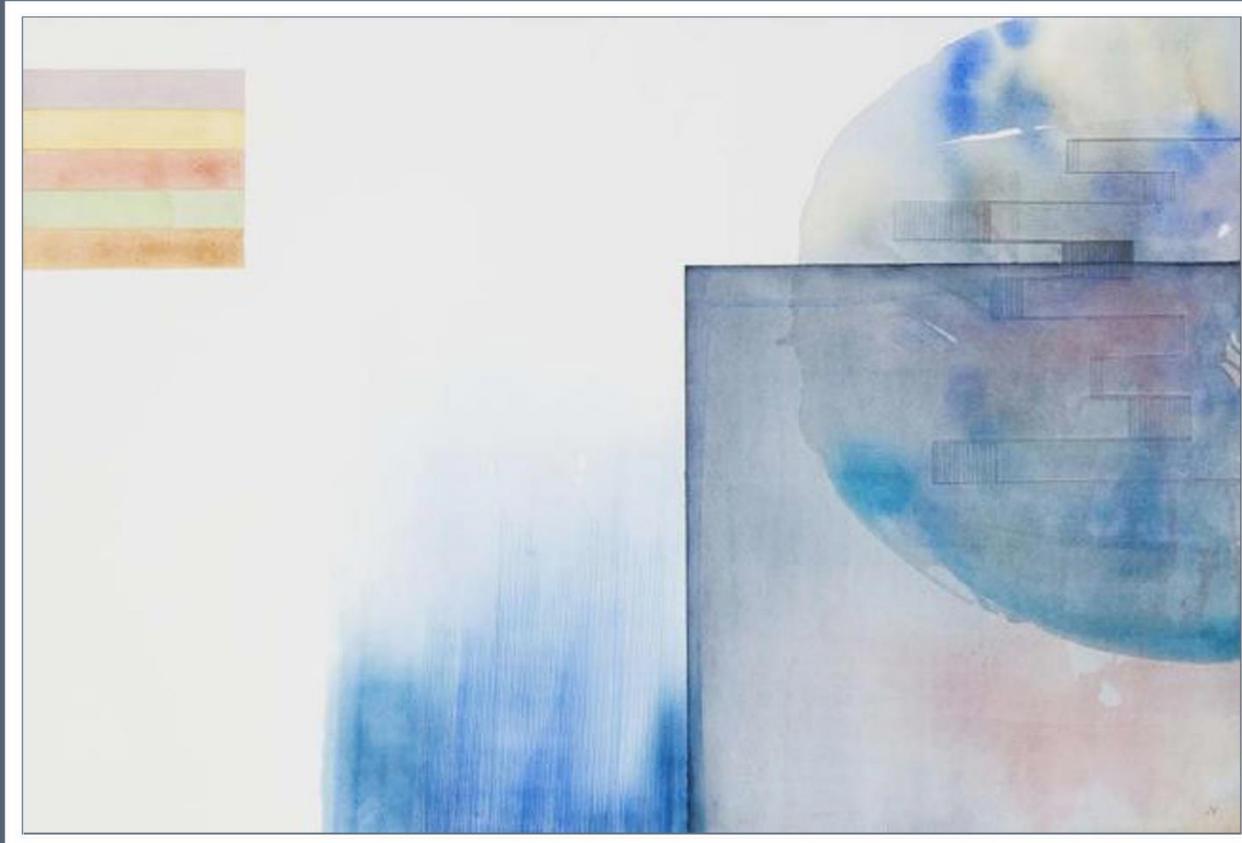
Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.

É importante porque fui salva pelas águas. Aquilo que me afogaria, com não mais que quatro anos, me recebeu, às vistas de um batismo, e depois dessa, andamos imantadas, a água e eu.

A meditação dos azulejos, a contagem das braçadas, ritmo constante, perícia, técnica. Deslizar macio remandometiculosamente na posição horizontal. Isso compensa as mãos trêmulas, o desequilíbrio que a terra firme impõe com o duro ribombar dos passos sobre os ossos. Água me desperta, justo porque me convida aos delírios. Noites de chuva, me lançava na água gelada, não por diversão, mas um treino necessário para acalmar os pensamentos. Era a única a usar a piscina. Difícil esmiuçar por completo as motivações de tanta disciplina. Digo que aprendi com meu pai o sabor doce do trabalho duro, ininterrupto. Ele é feliz assim, só assim ele é feliz, e é um homem admirável e carrancudo e repleto de defeitos, assim como sou uma mulher cheia de

coisas estranhas que só outra pessoa poderia dizer sobre mim, eu não. Pois, misterioso como deve ser, é do jeito que é. Penso com força no instante anterior ao pulo n'água, quando se deve expirar para que não entre água no nariz, olhos fechados, joelhos flexionados, corpo pronto ao esforço e, somado a isso, a certeza de que tudo será diferente.

Naturalmente me encontrei na aquarela, me perdi também, fui e nunca mais voltei dela. Tenho gosto especial pelas minúcias que a técnica requer... Atenção ao tempo de secagem da tinta no papel, pincel delicado e de cerdas macias, transparências que vão se sobrepondo. Não me canso de observar como o papel bebe a água e a maneira que o pigmento se deposita na superfície da folha: a mancha de aquarela tende a secar apresentando um acúmulo de pigmento nas bordas, deixando, dessa forma, o centro com tons mais suaves. Sempre me areceu que a tinta é coisa viva de vontade própria, sujeitando a pintura a acasos que nunca poderei de fato controlar. Os processos se estendem através de experimentações, quantidades, repetições, formas sonoras, linhas feitas com o bico de pena, colagens com papel de arroz, alfabeto interno, calendário de cárcere, objetos de ausência e afeto, perspectivas impossíveis e finalmente, piscinas. Isso feito ao meu jeito, pra servir de norte, mesmo que temporário, mesmo que esse pólo magnético se altere com as luas, já é alguma orientação.



José Alberto Nemer
Sem título
Aquarela
75 x 100 cm
2009

A começar pelo encanto fluido. Preciso falar dele. Encontrei-o na pintura de José Alberto Nemer. Me deparei com suas aquarelas na exposição DUO, que reunia também obras da artista Annie Rottenstein, apresentada na grande galeria do Palácio das Artes, em abril de 2012. Foram apresentados 15 trabalhos em grande formato (130cm x 200cm) que me impressionaram de forma muito especial. Encontrei beleza, leveza, mestria absoluta e a sensação de estar de frente a um espelho d'água colorido, devido ao tamanho das pinturas. Sem pieguice, e para longe dos manuais formais, aquilo foi do meu gosto. Há quem diga que são manchas aleatórias, acasos quaisquer, desleixo emoldurado que é ovacionado por simpatia de nomes.

A mim, o gesto condensa tudo que eu quero alcançar: rigor, respiração controlada, fluidez, e só através dessa paz tudo se evidencia: a água mantém sua essência mostrando os acidentes ocorridos no percurso do pincel sobre a folha. Depois são linhas duras, depois são manchas soltas, orquestradas de maneira consonante ao meu próprio modo interno, fala a mim, sobre emoção e razão. O que, no momento, era um grande labirinto no qual eu perambulava. Fiquei sentada ali e me emocionei, sem nome, sem problema específico, eu caí de joelhos pela cor. Quis fazer igual, claro. Falhei, claro. Mas daí começaram muitas outras coisas.

O que ocorre é: a vontade, a vontade incontrolável de comunicar. Talvez seja uma das maiores razões. Mesmo que eu seja ilha, quero estar no mapa. Mesmo que meu alfabeto interno de imagens repetidas e cisma marinha não seja decifrável, mesmo que ele sofra alterações ao alcançar o receptor, mesmo assim preciso tentar dizer. Encontrei alegria no fazer, nos mínimos gestos - molhar o pincel na água, secar o excesso na toalha, fazer teste de cores, esticar a folha, estar debruçada por horas, tecendo histórias, pensando nos possíveis azuis - essas coisas me absorvem e parecem triviais, sei disso. Mas para mim, são parte de um ritual, parte de um sistema, e eu amo sistemas. Eu amo sistemas porque dão a sensação de controle. E como dito anteriormente, já que a vida anda solta, ao menos aqui eu posso contê-la, dentro dessas arestas perfeitas, nessa linha reta, numa mancha controlada pelo recorte de papel de arroz. Já que a fala é tão debilitada, talvez aqui eu encontre um alfabeto que esteja boiando silenciosamente, e seja mais eficaz que as letras usuais, só preciso de tempo e atenção extrema para decifrá-lo, então deixe-me olhar aqui mais de perto esse azul cobalto. Organizo as horas, os dias, tenho um calendário e um alfabeto forjados em pigmentos diversos, e agora alguma segurança. No entanto, me é entregue sempre o surpreendente como resultado, o negativo, o inverso do que eu quero, e é nesse paradoxo que achei bonito pairar. Não obtive conclusões, apenas o fazer interminável, incansável.

Lembro-me de viver muito perto do rio Cipó. E de estar profundamente tocada por Sidarta, de Hermann Hesse:

Carinhosamente, olhou a torrente das águas, o verde transparente, as linhas cristalinas de seu desenho misterioso. Notou que do fundo subiam pérolas luminosas, que na superfície flutuavam silenciosas bolhas de ar, que o espelho refletia o azul do céu. Com milhares de olhos fitava-o o rio, olhos verdes, brancos, diáfanos, cerúleos. Corno ele adorava aquelas águas! Estava encantado por elas. Sentia-se grato. Notava que no seu coração a voz tornava a falar. Despertada do sono, dizia-lhe: "Ama as águas! Não te afastes delas! Aprende o que te ensinam!" Ah, sim! Ele queria aprender delas, queria escutar a sua mensagem. Quem entendesse a água e seus arcanos — assim lhe parecia — compreenderia muitas outras coisas ainda, muitos mistérios, todos os mistérios.

Nesse dia, porém, deparou-se-lhe apenas um único dentre os arcanos do rio, e este lhe abalou a alma. Viu que a água corria, corria, corria sempre e todavia estava lá, ininterruptamente, era sempre, a cada instante, a mesma e todavia se renovava sem cessar. Como explicar isso? Quem lhe dera desvendar esse mistério! Sidarta não o compreenderia, não encontrava a resposta. Somente sentia que, no seu íntimo, vibravam intuições vagas, reminiscências distantes, divinas.

O silêncio na margem do rio é poderoso. Tão poderoso que dele nascem sons. Depois de um tempo, reconhecia zumbidos, cantos de pássaros, farfalhar de folhas e coisas antes despercebidas, até chegar a mim mesma. Estacada junto à margem, retomava o ponto de partida.

Tinha sol a pino na cabeça enquanto a furtar cor mineral se revelava às retinas. O lajeado era meu, no entanto, não o queria para mim como desejo de egoísmo - lá estava ele deitando-se sob o céu. Digo, ele me recebia tanto, ou então, era eu que entregava a ele meu grão mais íntimo de dúvida, e este grão simplesmente boiava n'água e depois ia se depositar junto a outros infinitos grãos e pedras no fundo do rio. Feito isto, a dúvida dissolvida não mais importava e sentia os muitos outros arredondados exercendo pressão contra a sola dos meus pés. Cada pedra é uma pedra, e elas nunca se repetem, e isso já enchia uma folha.

O Rio

*Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.*

Ficava grata. Pintar como forma de agradecimento... e como interminável busca pois, curvada sobre o papel esticado sinto que dúvidas e novas dores já se refizeram, como há de ser, e ao rio devo voltar, retomando o ciclo que se forma, perene qual o curso.



Recortei, com cuidado, pedaços de um papel delicado. O recorte é deitado sobre a folha e, atenção, o pincel embebido de aquarela quase não toca a superfície do papel de arroz, onde a cor vai se alastrando na dimensão exata desse recorte apenas. Posso esperar alguns segundos e, enquanto ainda está úmido, retirar o recorte com a ponta dos dedos e novamente usá-lo, tingindo-o com o mesmo pigmento ou algum de outra cor, resultando em tons mistos. Dessa forma, terei um eco, ou formas fantasmas habitando a folha.

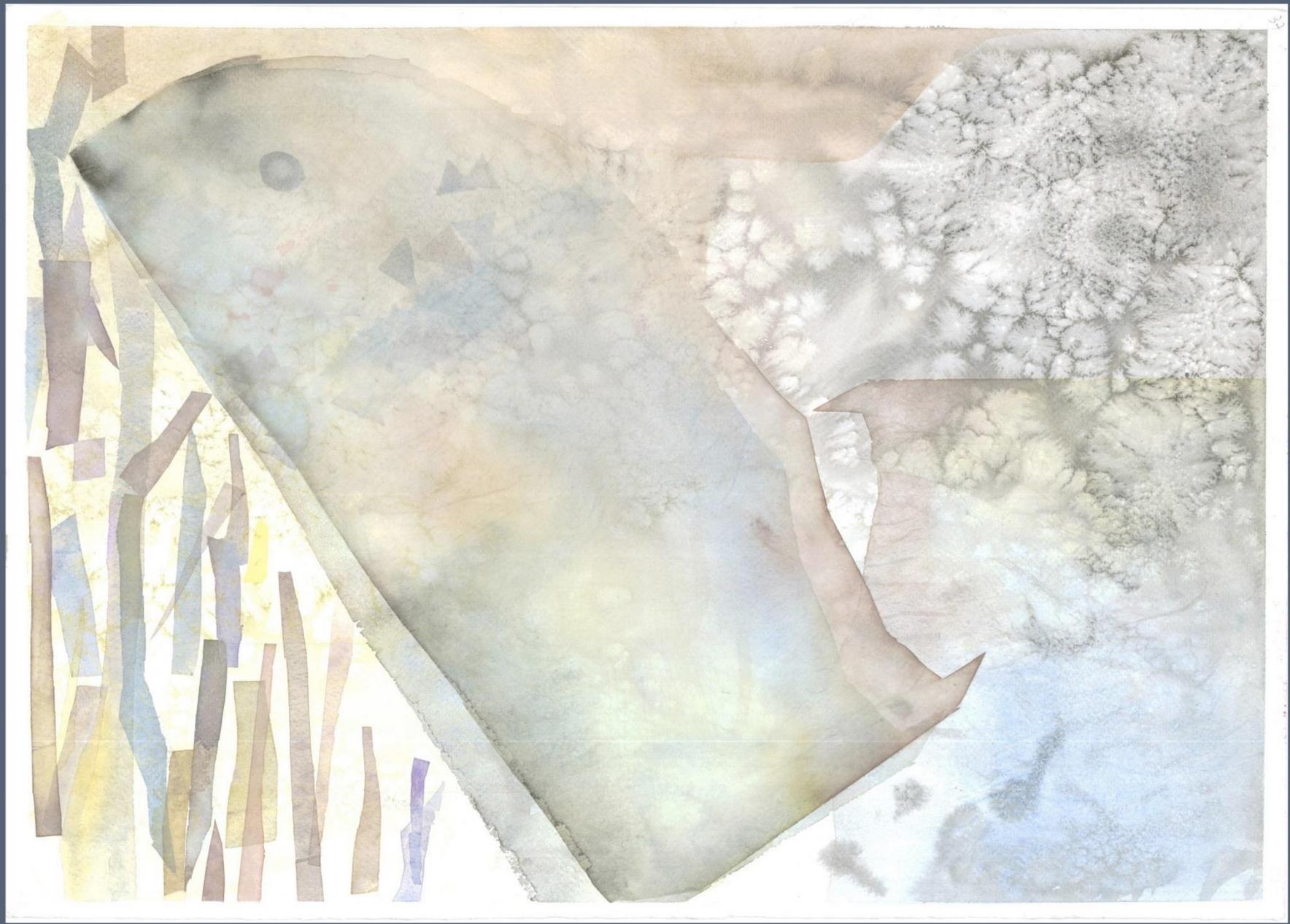
Assim o fiz. Trabalhei, até ser derrotada pela exaustão. Minha fibra já não suporta súbitas explosões, é mais uma matéria consistente a pulsar em ritmo inquebrável. Gosto muito de nadar longas distâncias, fazendo com que cada movimento seja eficiente para puxar a água, afinado numa cadência exata, muito perto do cansaço e quase ainda confortável, e nisso permaneço o maior tempo possível. Assim se assemelha a maneira de pintar. Nada criei com as pinceladas, foram formas e coisas que saltaram enquanto, nessa dura regência, eu me encontrava.

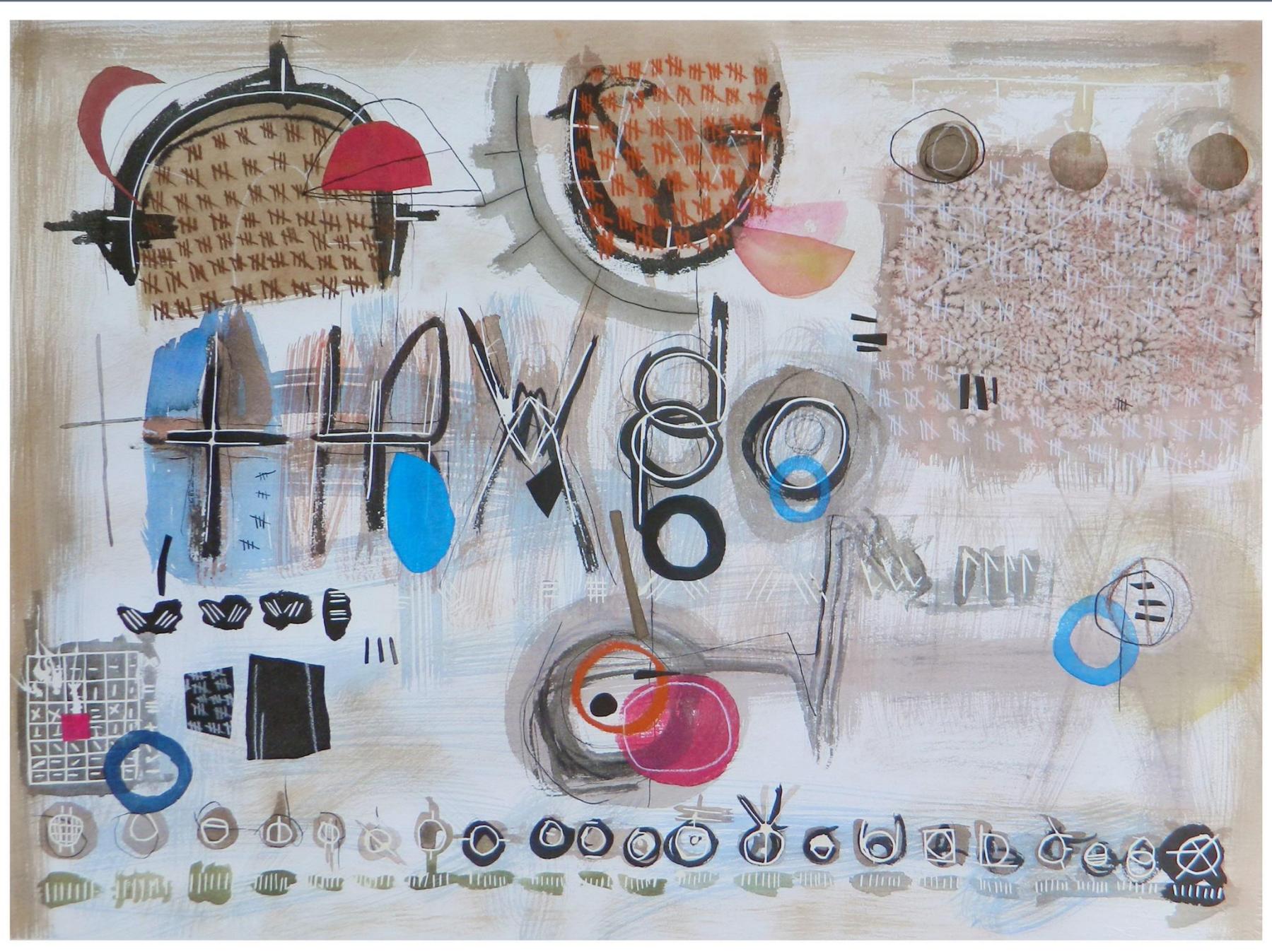
Em que momento é que a gente se dá conta da leveza? Uma expedição ao esquecimento: partia como jornada seríssima, de notas em jornais e geringonças específicas. Talvez um cume, mas ao contrário, pois me refiro ao mergulho livre de águas profundas. Não exatamente agradável, posto que o espírito toma ventos de todo sabor, tive e tenho também que enfrentar o terror quê. Novamente, as palavras zombam de mim. Imagino

tal qual uma matéria negra de tamanho descomunal, capaz de engolir edifícios, e ela se arrasta, len-ta-men-te. Essa coisa então finalmente me alcança, e numa bocada imensa de tempo relapso, sou mastigada, dolorosamente, a princípio. Depois, há o perigo de se acostumar ao piche viscoso, e quedar espedaçada, perdidas as memórias do antes e os anseios do depois. Esse é o terror a que me refiro.

Primeiro você cai num poço. Mas não é ruim cair num poço assim de repente? No começo é. Mas você logo começa a curtir as pedras do poço. O limo do poço. A umidade do poço. A água do poço. A terra do poço. O cheiro do poço. O poço do poço. Mas não é ruim a gente ir entrando nos poços dos poços sem fim? A gente não sente medo? A gente sente um pouco de medo mas não dói. A gente não morre? A gente morre um pouco em cada poço. E não dói? Morrer não dói. Morrer é entrar noutra. E depois: no fundo do poço do poço do poço do poço você vai descobrir quê.

No entanto, se esse terror ultrapasso, o negro absoluto me costura novos olhos ao rosto. É desse mergulho, depois de onde é escuro, que a leveza brotou em mim. A grande pressão submarina comprime o corpo, mas depois de certa profundidade, oferece a narcose: uma percepção alterada da consciência, decorrente da saturação do gás nitrogênio no organismo. O azul profundo torna-se negro, berço das pálpebras, o único descanso desde o ventre. Dissolução do corpo, o que vem antes da memória, da palavra ou do pensamento, lança seus grandes braços, e estes tomam para seu vórtex escuro qualquer desejo inflamado.





Coisas, gentes, importâncias adquirem, pois, leveza. Dentro do ovo do nada, em pleno sonho lúcido, tudo se transforma, e por fim, retorna à tona.

Fôlego. De volta à superfície disponho o que resgatei do escuro. Após um treino mais longo o corpo sente-se leve devido ao constante choque contra a água, que massageia os músculos - o cansaço da água é gentil, quero trabalhar. Sobre a mesa, então, organizo com cuidado: um alfabeto que tateei, os dias que contei, a cama que naufragou comigo, ampulhetas vazias, portas, barcos, escadas, perspectivas impossíveis e a piscina. De cada categoria um emaranhado de linhas se desprende, tendo o coração como carretel. O que fazer com cada arcano que entrevi?

Os símbolos que se repetiam no espelho d'água foram enfileirados para montar um calendário. Euuento os dias, um por um. Assim como fazem os naufragos perdidos na ilha, ou prisioneiros isolados. Cada dia importa, penso. Tenho imenso cuidado no traço, quero um quadrado perfeito à mão livre. Ao corte limpo da matemática entrego meus olhos mesmerizados. Existe uma maravilha que não comprehendo, e nela me banho. Só me resta contar.

Dois vezes dois quatro
A pele dos desejos
Do corpo arrancada;
Que faz a alma pura?
Ela conta, ela conta.

Dois vezes dois – quatro
Eu vezes eu – tu
Tu vezes tu – nós,
Morte vezes morte – paz

No leste minha cabeça,
Os meus pés, no oeste;
Eia, toca! Não te percas,
Perto vezes perto – longe.

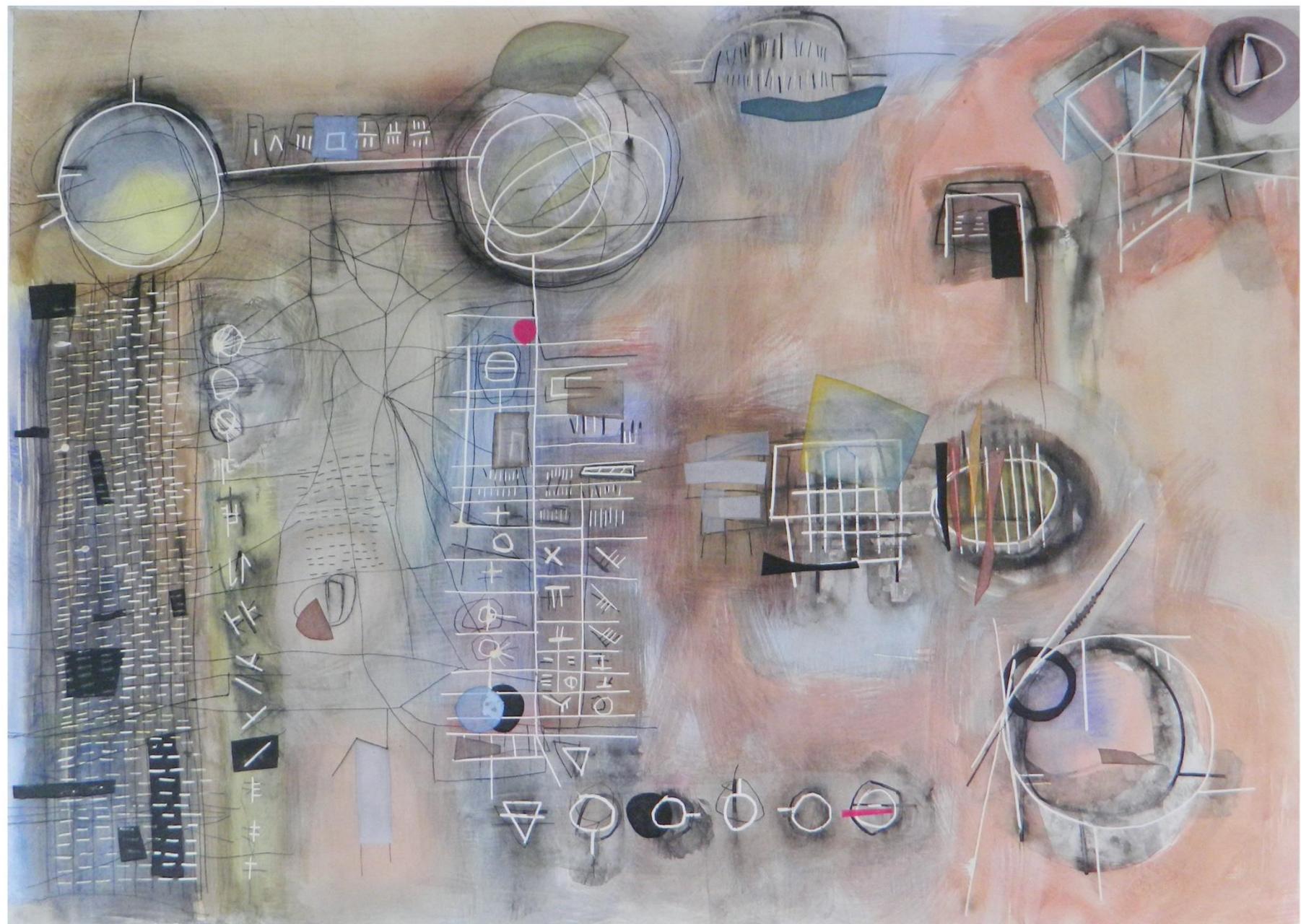
Bate à porta. – Taque, taque,
Está aberta, podes entrar, –
Luz no último olhar, –
Morte vezes morte – ser.

Um sistema de medição



para equacionar a emoção. Proponho tabelas de previsão, como são previstas as marés. Como um satélite orbitando a pintura, puxo ou derramo a água sobre o papel. Procuro em vão catalogar o que se passa. Numa escala de saudade, quanto de riso ainda me resta? Mas vejam, não consigo a beleza exata dos números, não ainda. Frações estúpidas se confundem, e então repito a contagem,uento as letras,uento os nomes, quantifico o que me afeta, em busca de uma fórmula que traduza as parábolas da fugaz felicidade...

Datas de nascimento e iniciais dos nomes dispostos como axiomas para que sua observação revele padrões de energia sentimental circular harmônica dentro do sistema. Obviamente, são conjecturas afetivas que construí a partir da vivência familiar. Um afastado do outro, que traz para si o próximo. Caçula e filho do meio no centro, pais dispostos nas extremidades, esboçando teoremas a fim de explicar a sequênci, a intensidade, e a natureza das relações.

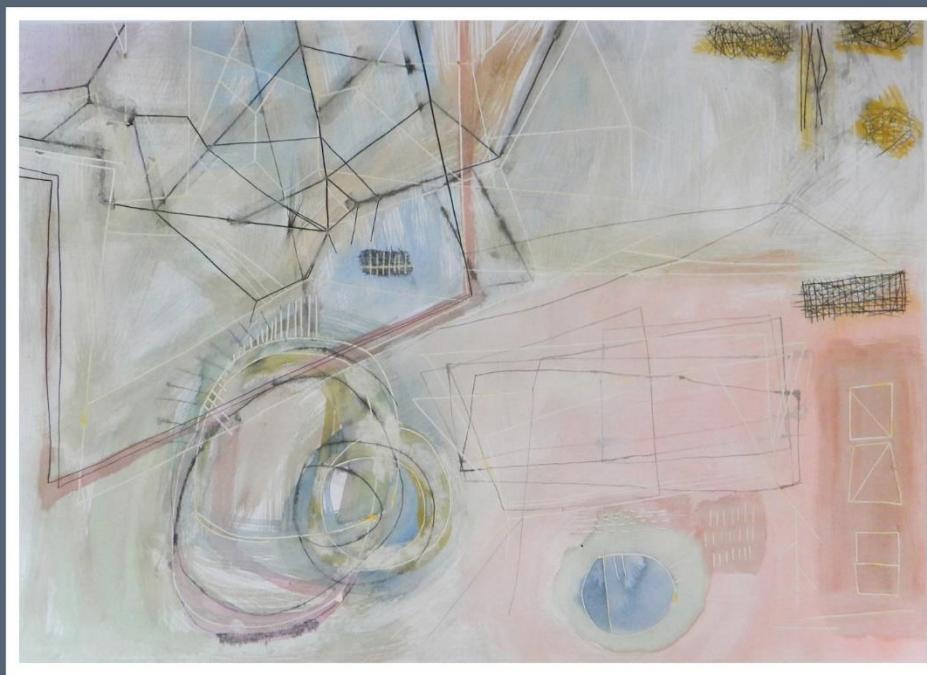




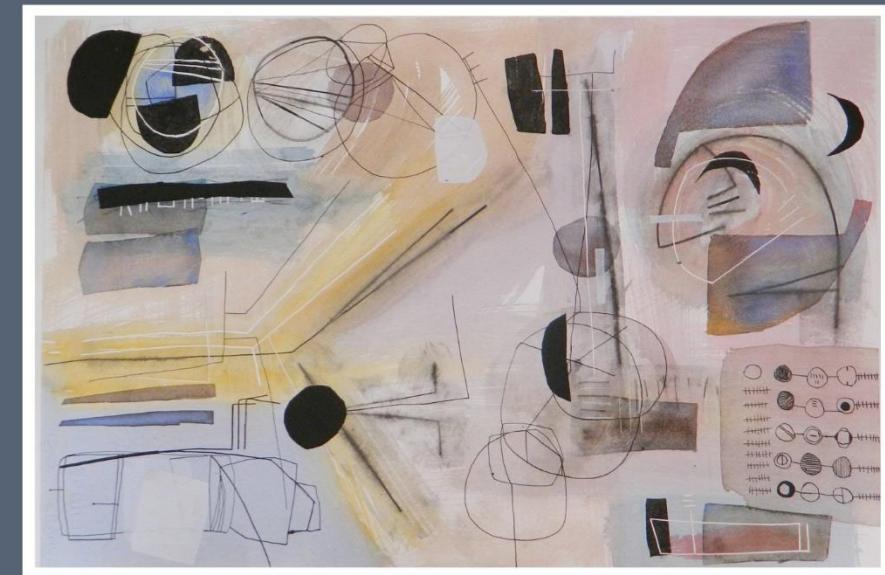
9



10

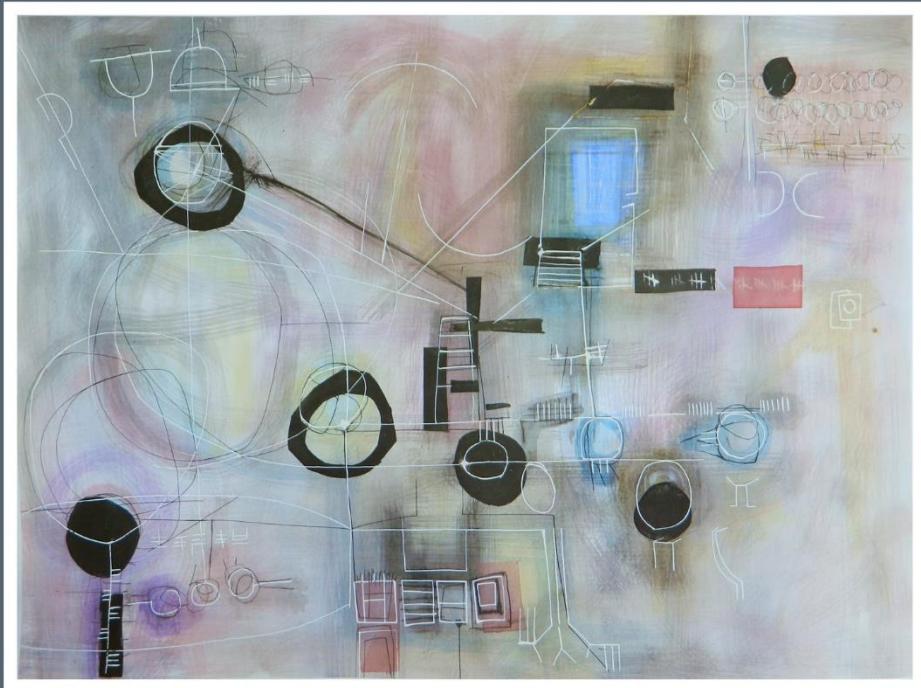


11



12

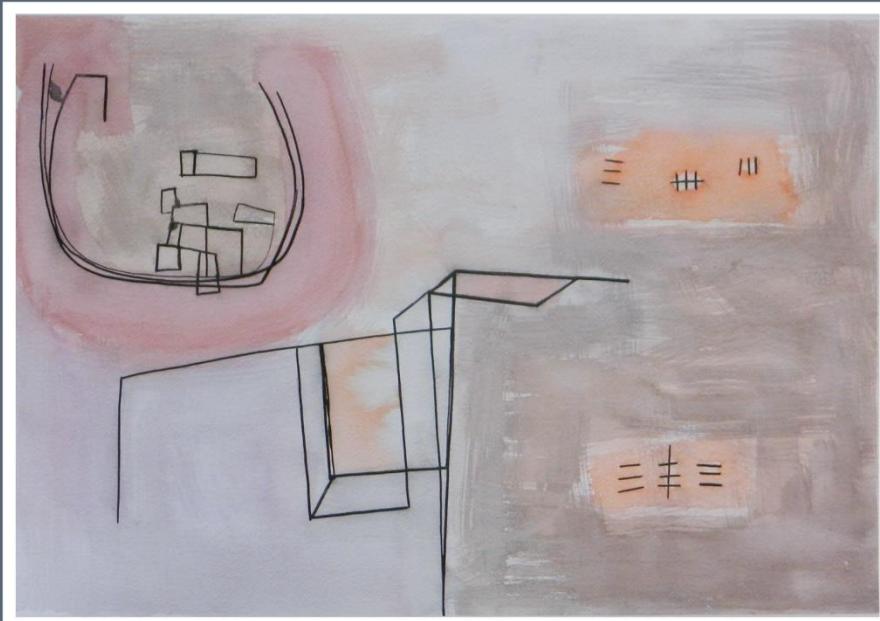
13



14



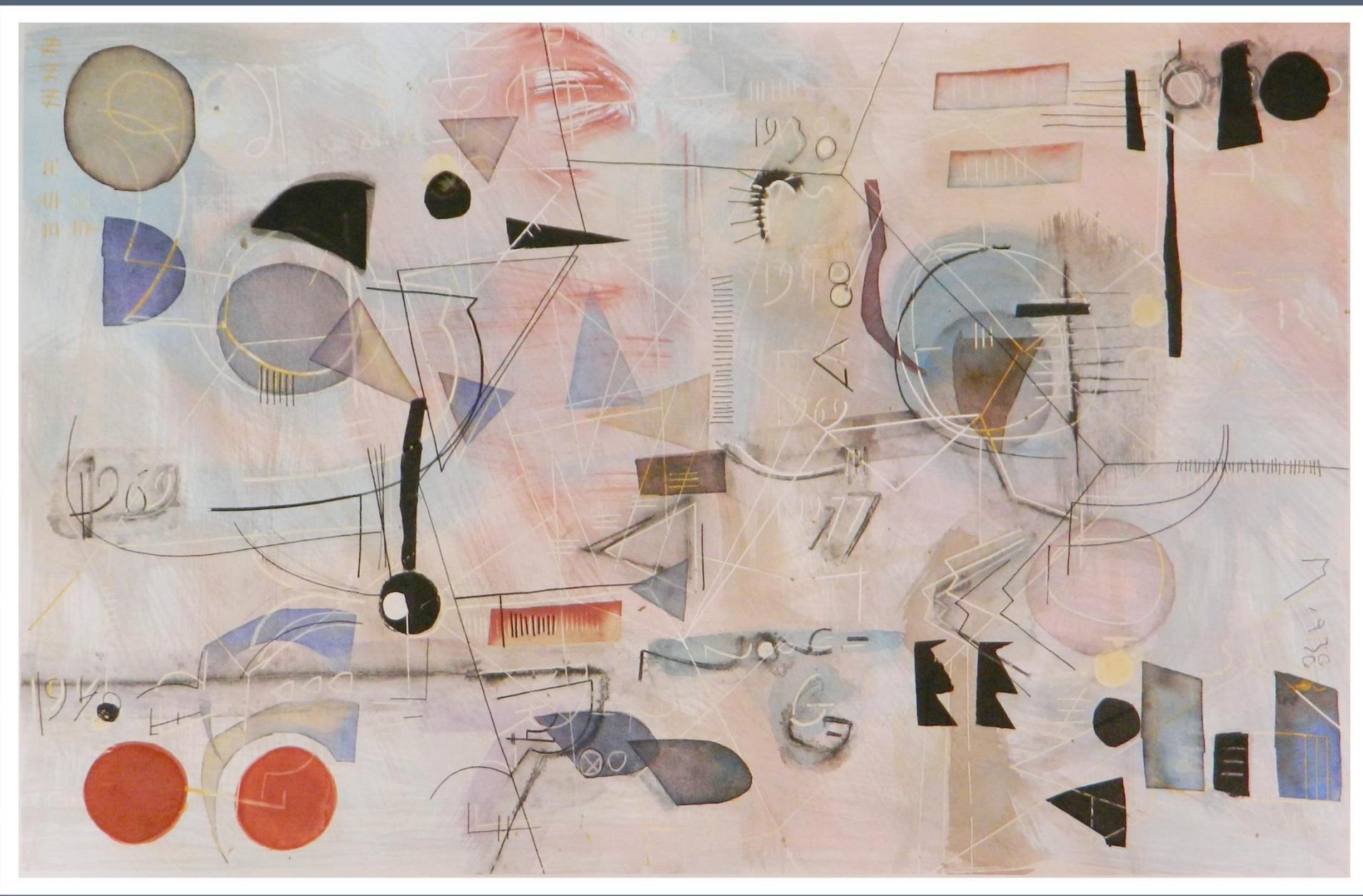
15



15



16



Algum sussurro
ouço desses nú-
meros. Detêm-se
acomodados lado
a lado , como
crianças numa
sala de aula,
selados em per-
feito mistério.
Algo para des-
velar da soma,
ou, quem sabe,
até mesmo do
cego embaralha-
mento desses
algarismos que,
ao meu ver ,
compõe arranjos
fantásticos.

*Dar a qualquer matéria
A aritmética do metal
Dar lâmina ao metal
E à lâmina, alumínio.
Dar ao número ímpar
O acabamento do par.
Então, ao número par,
O assentamento do quatro.*

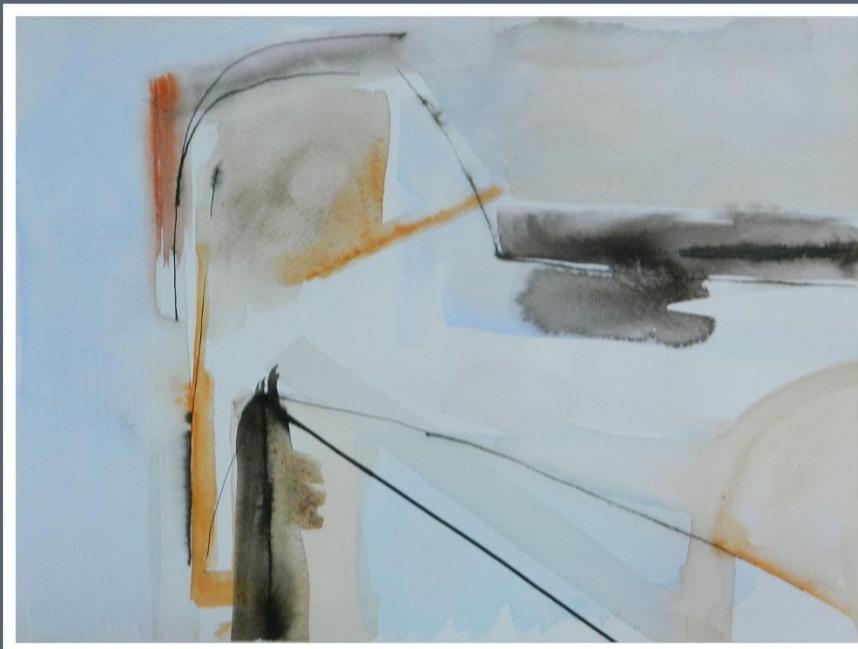


A cama

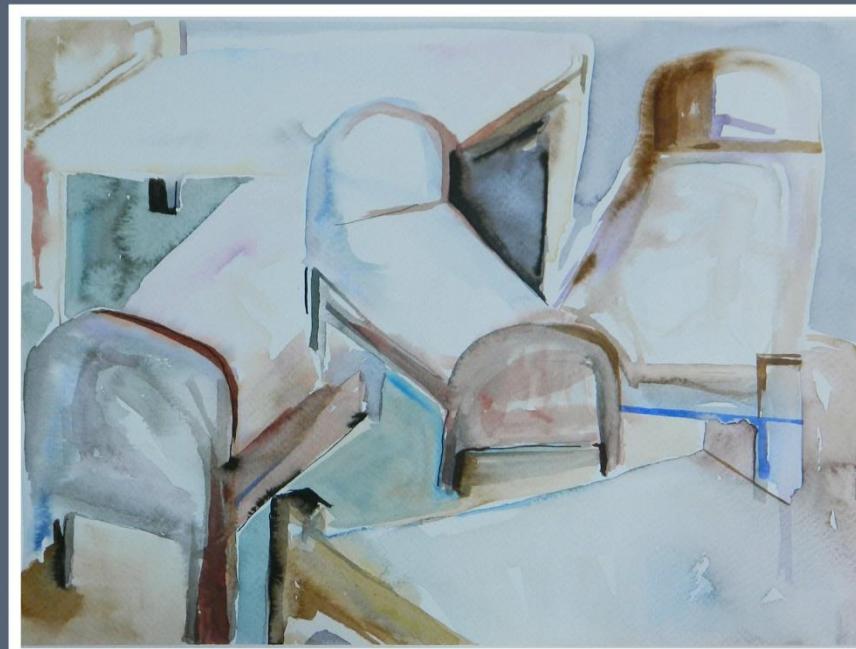


que me resguardou enquanto adentrava o insondável. Embarcação de sonho na qual estendida fiquei durante os mergulhos livres de águas profundas. Vaso de lágrimas, baú de derrotas e delírios, buquê dos cansaços e sentinela infalível das horas adormecidas. Pilar do corpo morto e altar para o além. A ti confiei todo meu esquecimento. Aqui desmorono.

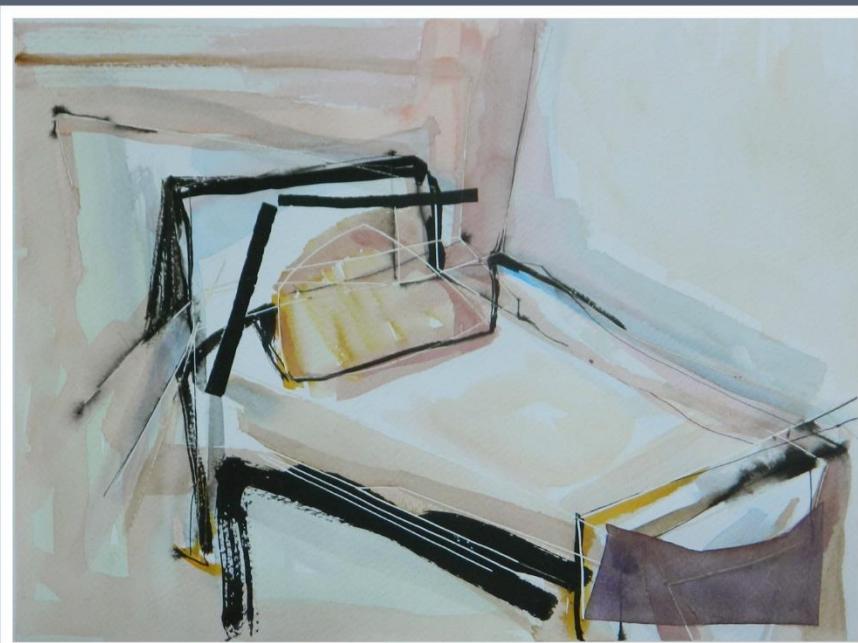




21



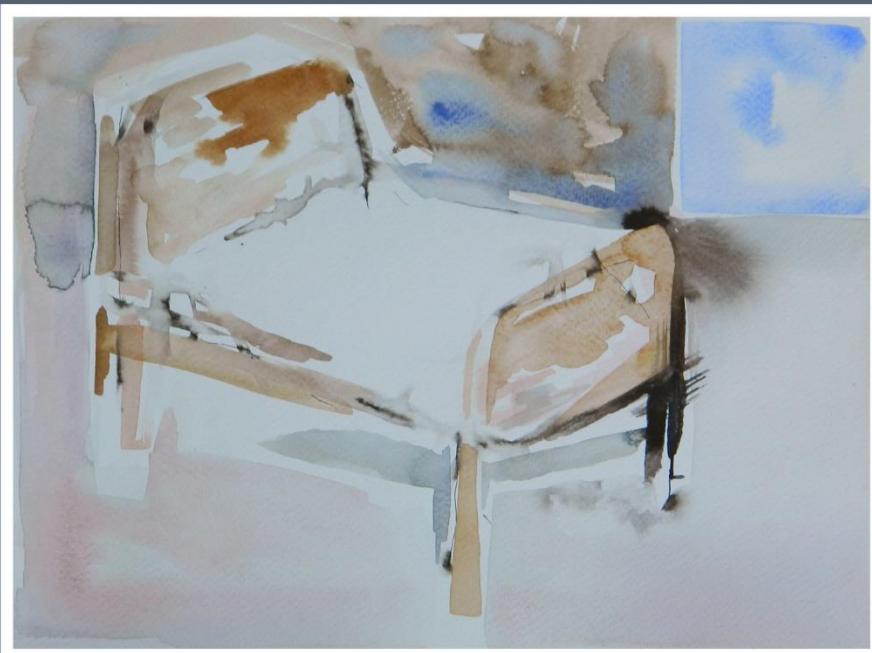
22



23



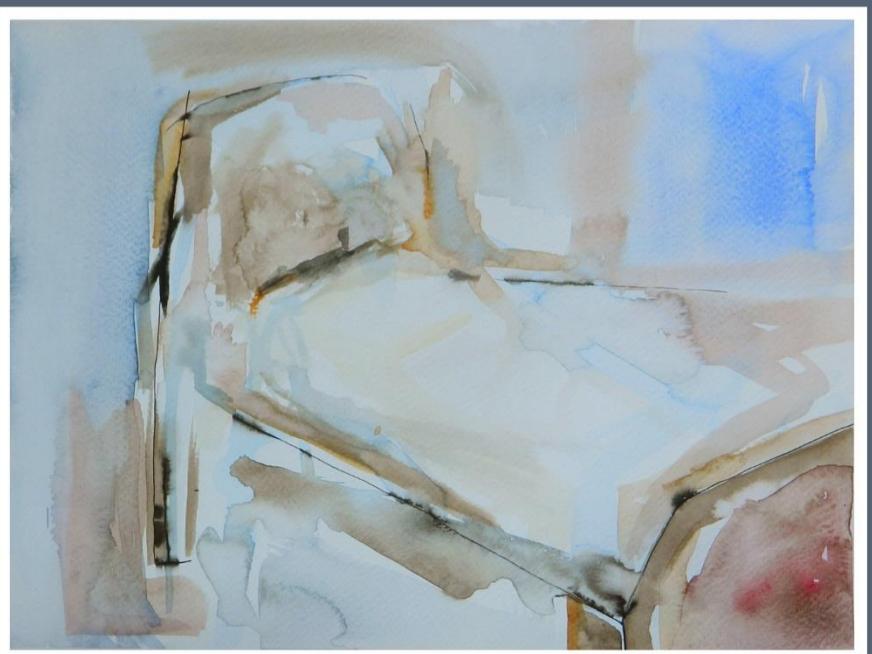
24



25



26



27



28





As ampulhetas vazias

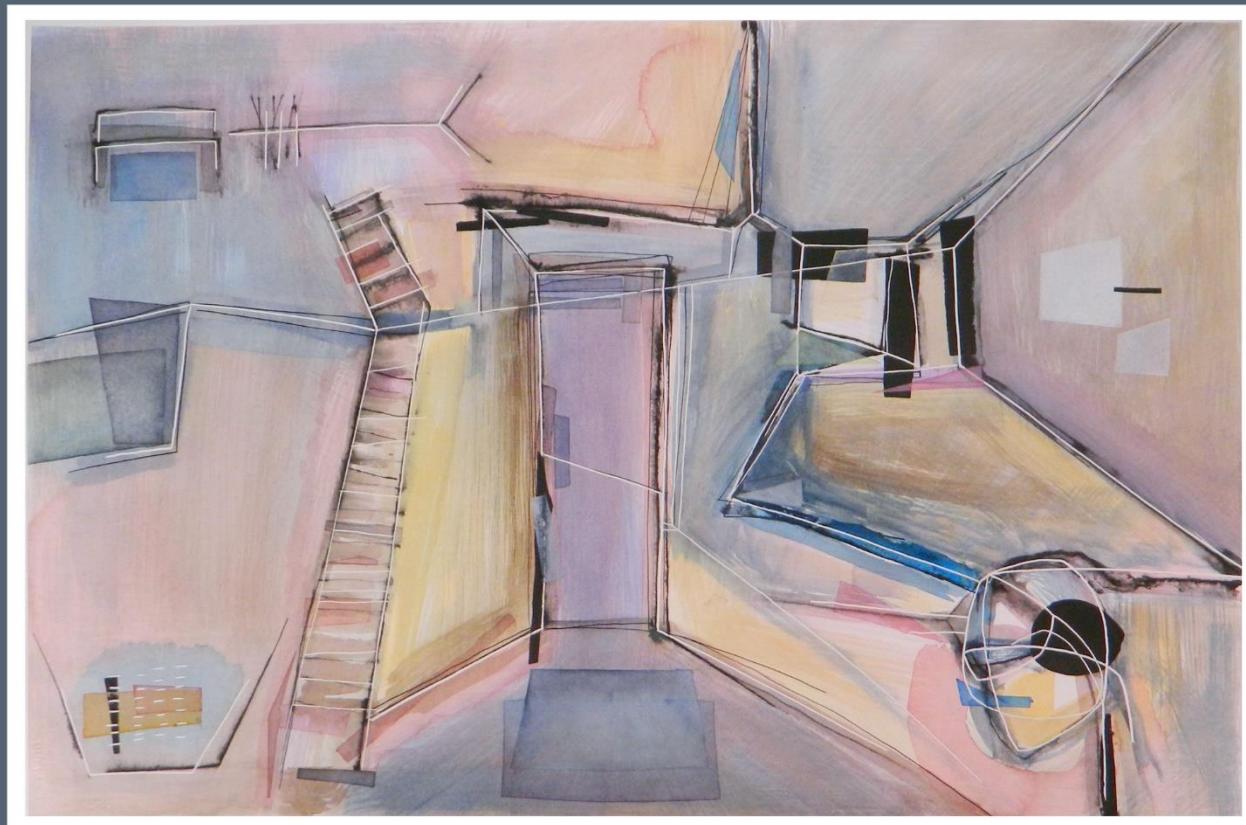


31

que de nada me serviram, mas lá estavam. O tempo que há em mim, e aquele que eu, como ampulheta, hei de sorver. Só serei inteira quando cheia de tempo, dado que a presença só alcança totalidade na maturação da morte, e a morte só se dá ao tempo completo dessa ampulheta. Uma vez, há algum tempo, era inverno, subi num costão rochoso, de madrugada, com o holofote da lua inteira, a beira-mar. Fiquei. O mais quieta que pude, embora sem intenção de meditação ou exercício prévio fixado em ideia. Voltei quando o sol despontou. Acho que senti o tempo entrando no corpo, bem, o frio que tocava todas as folhas, e toda extensão de pedra que formava a pequena escarpa, não era incômodo, eu pude ser paisagem e infinito por algum tempo. Talvez seja que me conectei à existência dessas pequenas coisas, todas elas, que são de uma forma, esperando para serem de outra forma no instante seguinte, e sendo isso o devir segredado ao tempo.



Portas abertas.

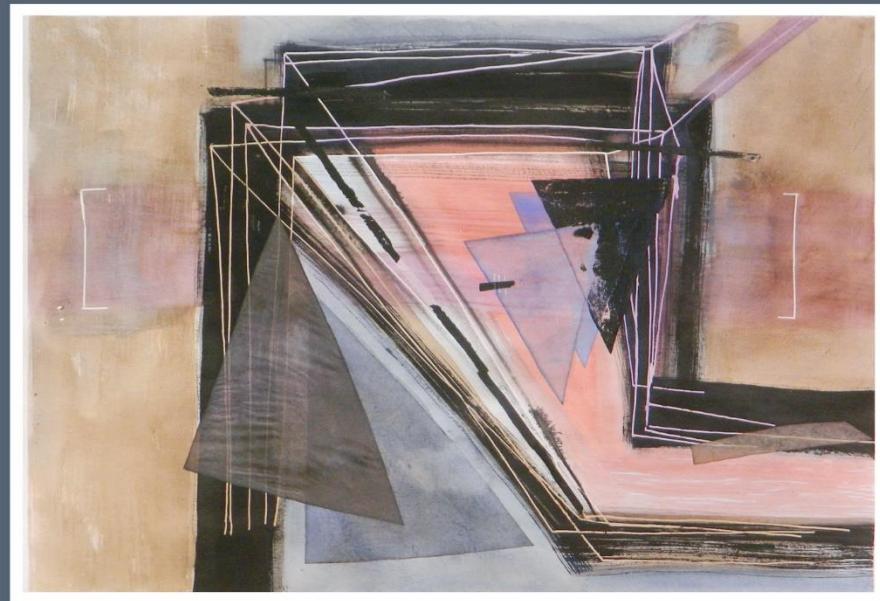


Gosto das linhas,
como se cruzam,
se perpassam,
se tangenciam
e fazem o
desenho desse
misterioso
retângulo
que se abre
e convida.





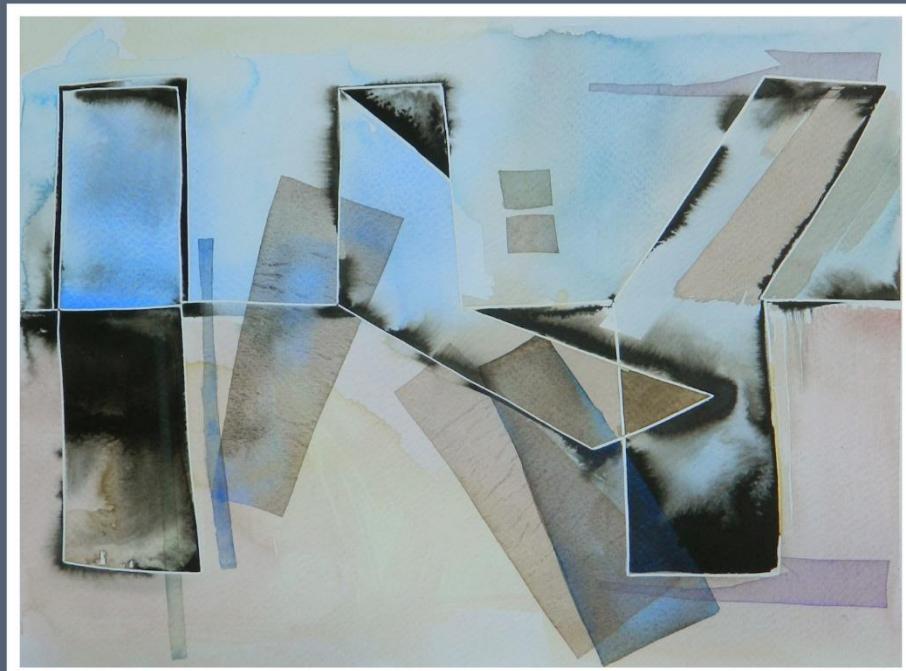
35



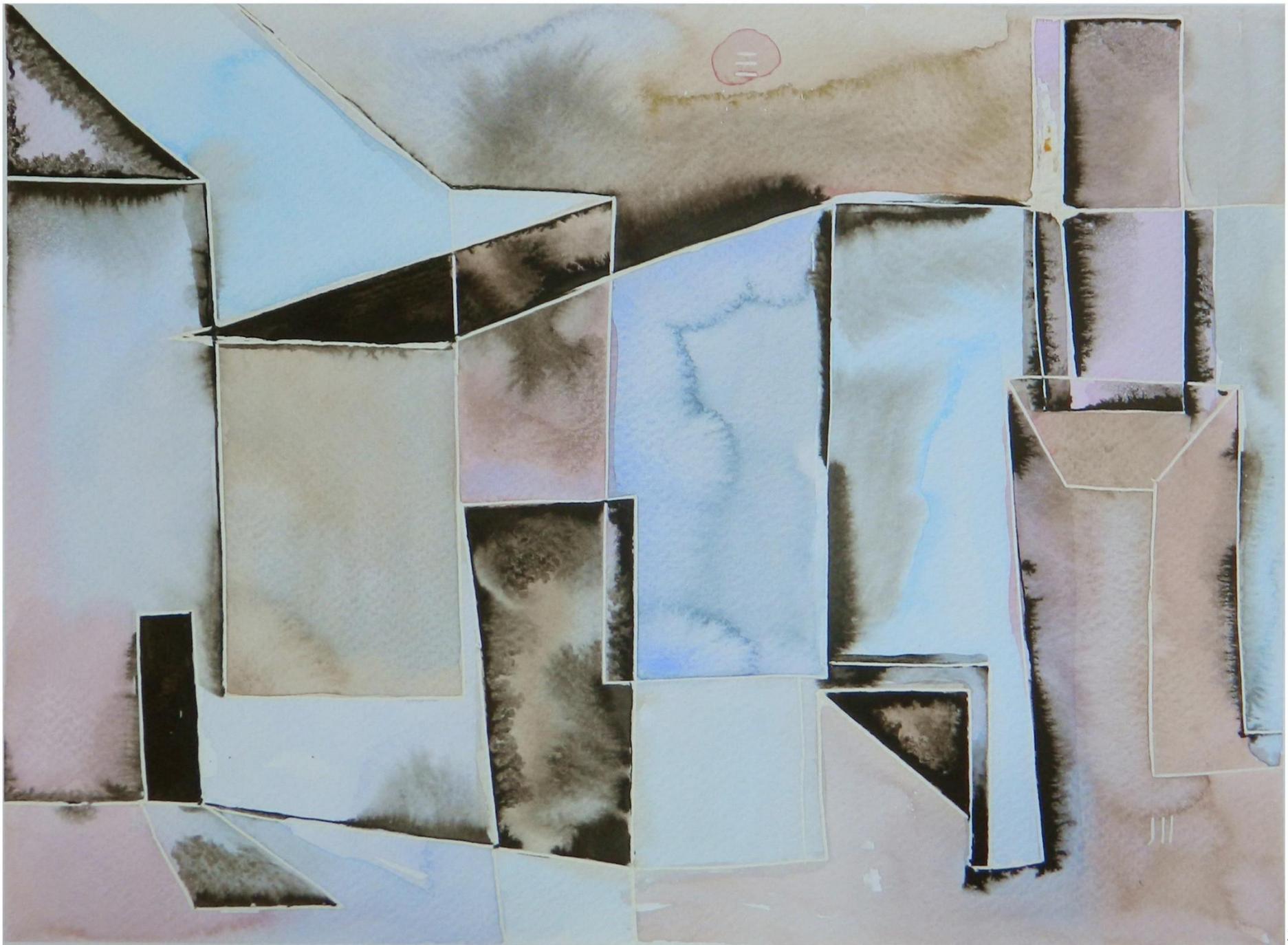
36



37



38



Perspectivas impossíveis.

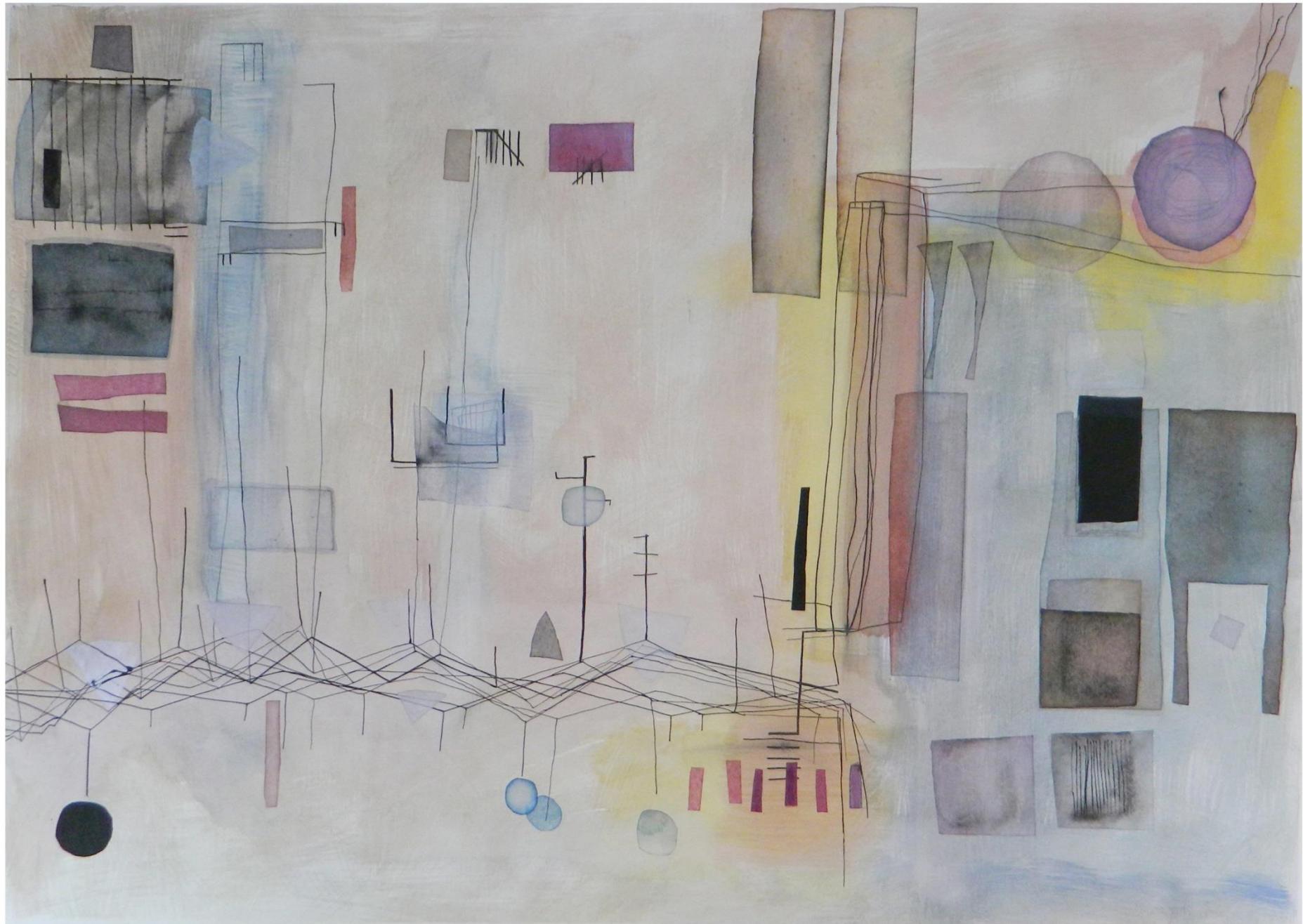


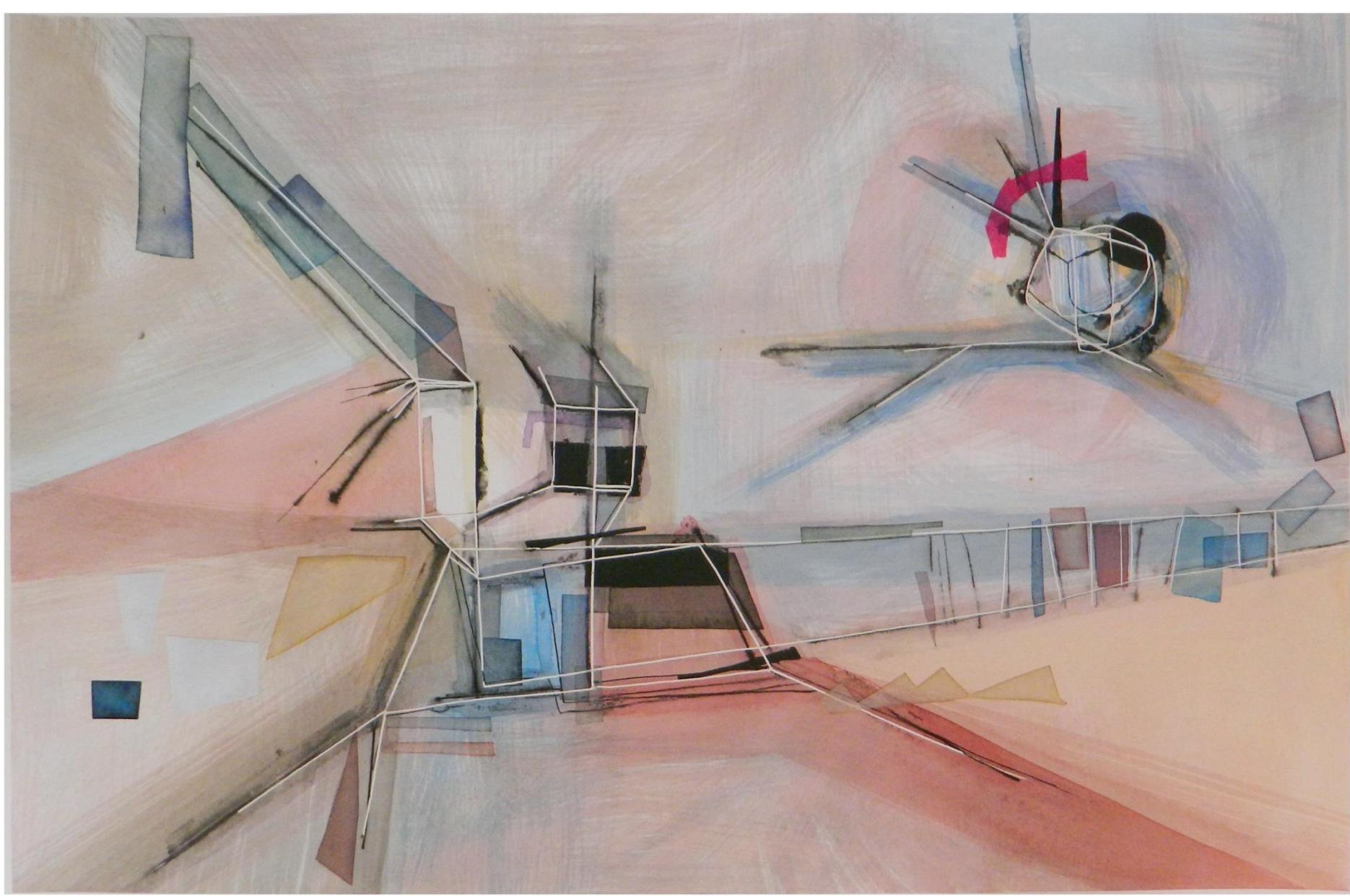
40

Retorção de arestas, são os ossos expostos. O que é impregnado do contrário torna-se linha. A luz refratada na água revela objetos flexíveis, estruturas incertas para um equilíbrio improvável. Sempre vi objetos fora do lugar, sempre quis consertar. Emparelhá-los por altura, por ordem alfabética, em gradações tonais. Como me satisfaz uma reta, uma fileira, uma sequência seguramente previsível e toda a elegância da exatidão. A desordem estampada é justo mesmo todo o escarcéu que não sou capaz de deter. Vestígios dos edifícios cínicos que levam nomes de gentes, em geral, e se embaralham no horizonte. Rastro de antenas que apontam para o céu e a lembrança de janelas desalinhadas, que exibem o dentro e o fora da confusão. O espaço pontiagudo e escaldante que abriga.











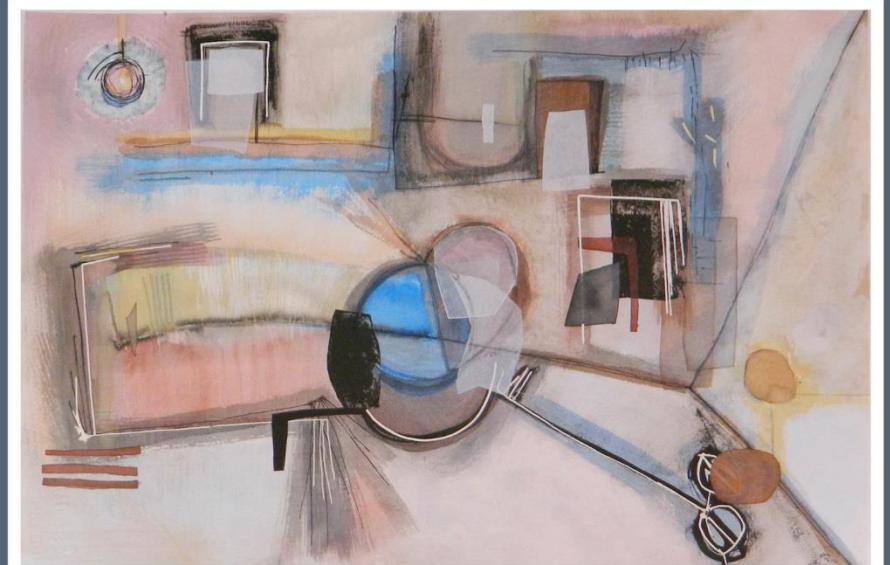
45



46



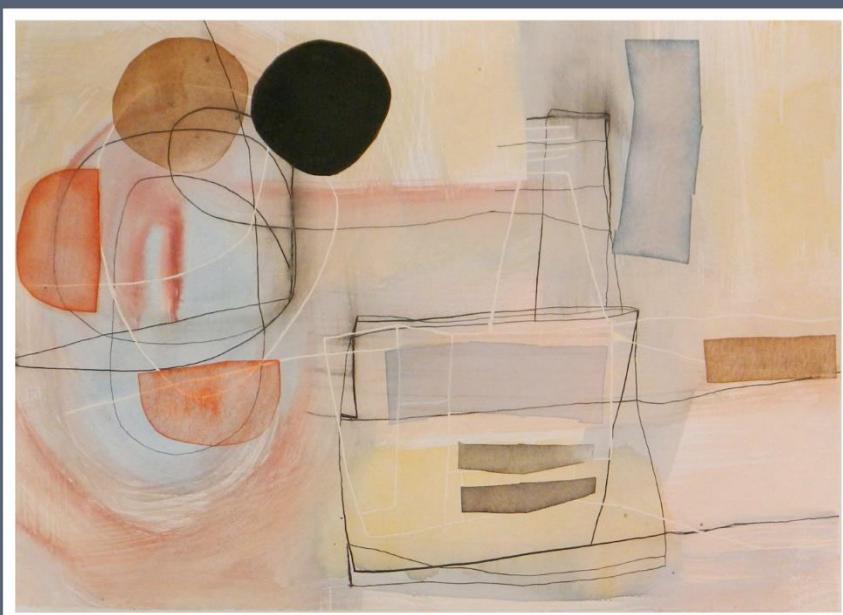
47



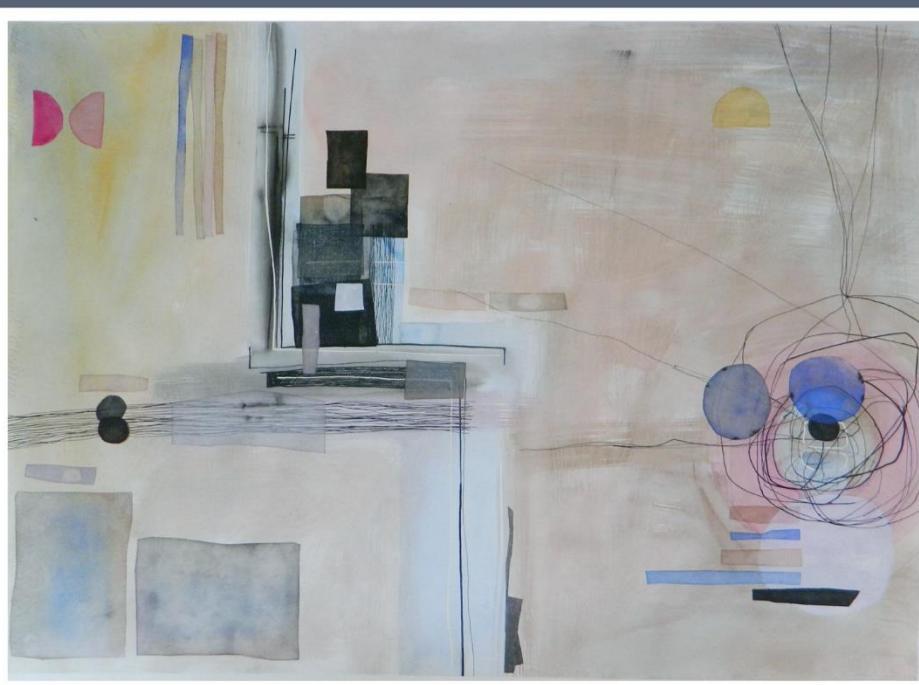
48



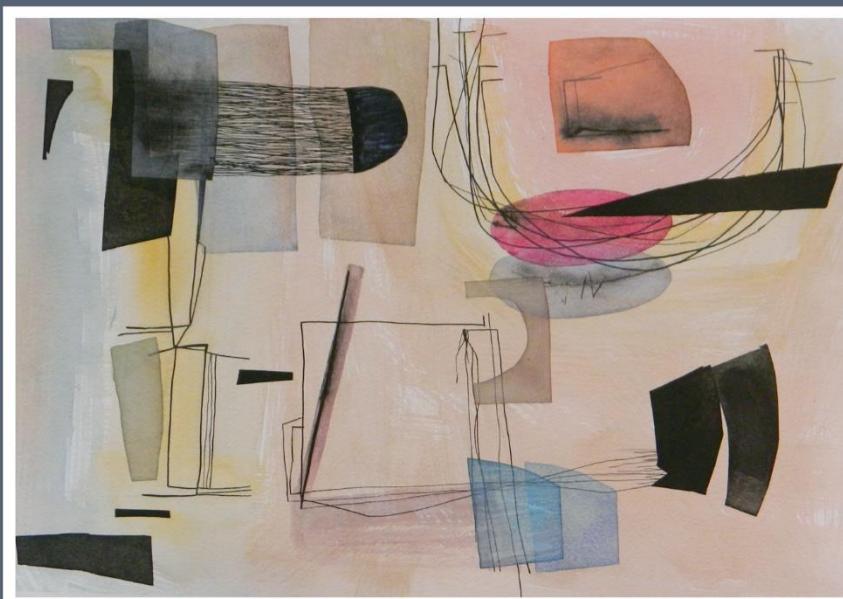
49



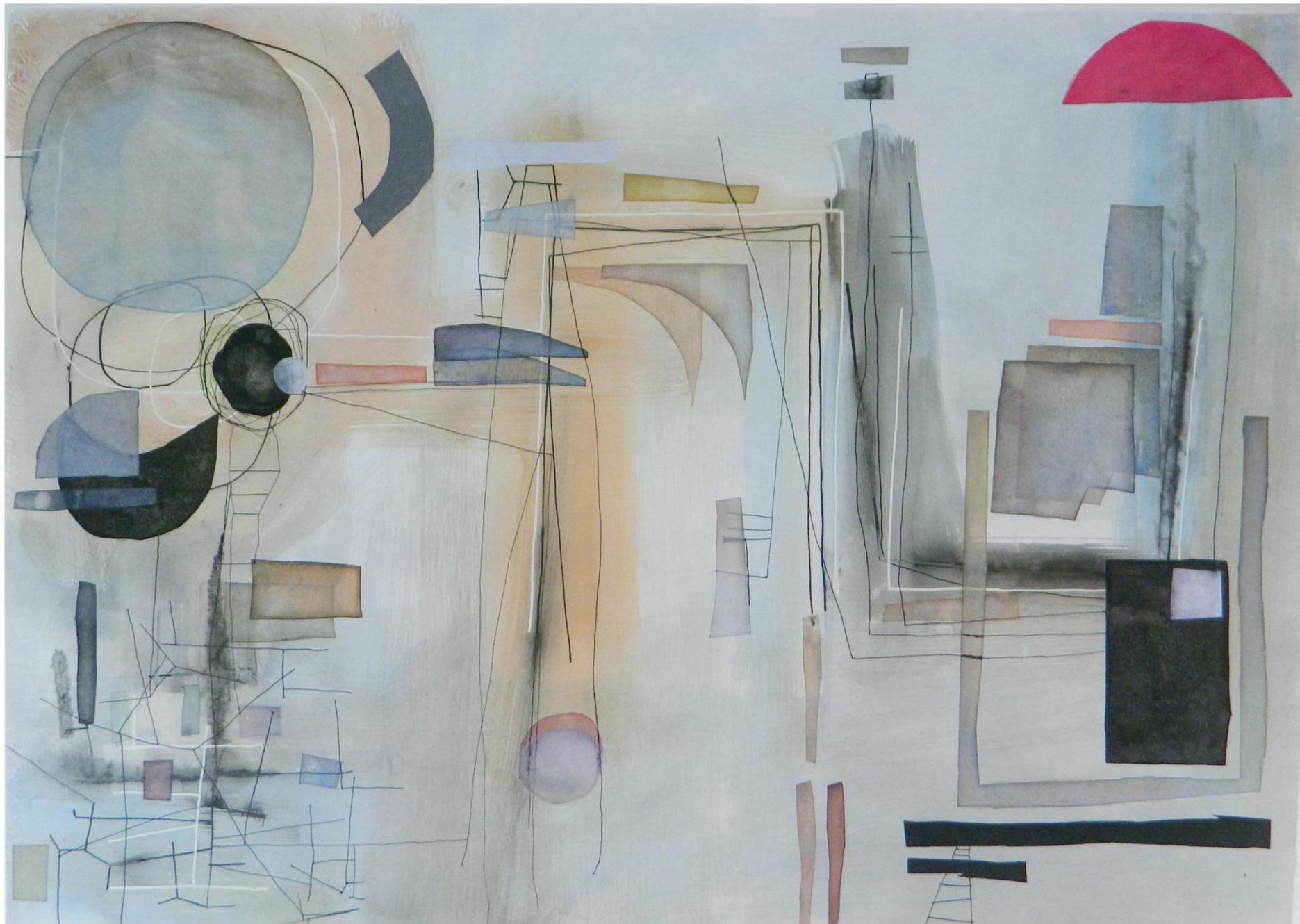
50



51



52



O barco.



54

última morada, juntar-se enfim ao rio. Inventar-se barqueiro, a observar as pessoas que vêm e vão, encharcadas dos sentimentos. Prestar-lhes ajuda na travessia, ouvir as histórias que vibram no vento, e esse vento que viaja também, sem fim. Apartada da ciranda de paixões, enfim, depois de visitada a margem de cá e de acolá, sendo tudo o drama desenrolado em pelejas. Aqui, é o meio. Desse correr de água a ideia aprende a imitar, fluir e expandir em paz.



Piscinas

Aqui o tempo é particular, não flui torrencial, ele é. Uma engrenagem primordial que atua na ação da pintura foi transmutada, e adquiriu desde então, mãos calmas. Considero dar atenção ao fato de que essas aquarelas se constroem devagar, e o devagar aqui é meu tesouro. Essa mudança de ritmo tem uma história:

Entre tantos redemunhos e os quase afogamentos, avistei um amigo. Farol no breu ou âncora na tempestade, só sei que conhecia de mar, demais. Observei como a generosidade atua. Por favor, imaginem. Uma grande onda que se move silenciosamente, porém de forma poderosa. A água limpa varre as salas, carrega cadeiras e cavaletes escada abaixo, a pressão do volume d'água rompe janelas e quebra espelhos, em câmera lenta, tudo se estilhaça enquanto começa a submergir nessa maravilha assustadora, que traz consigo plantas e objetos diversos que vieram sabe-se lá de onde. Voltamos ao real. Mário Zavagli. Uma voz profunda que só se abafa por fim em um abraço vivo de verdade. Existe abraço morto. Mas esse é vivo, eis a diferença. Diferença que antes eu não reconhecia.

Até mim, então, de repente, chegaram papéis de aquarela, de vários tipos e tamanhos, tintas, poesias, fotos, idéias, artistas, e uma pura inquestionável evidente necessidade de

trabalhar com amor, pelo amor. Não sei explicar ao certo como essas noções me invadiram de maneira tão arrebatadora através da companhia do amigo e professor Zavagli. Observei a sua dedicação paciente com cada aluno, e cada aluno que torna-se um amigo, uma pessoa de nome e história, e como esse amor faz girar o conhecimento e o transforma em onda, e como onda, se propaga, e chega aonde quer chegar.

Ele se debruçava também sobre paisagens do cerrado, fazendo surgir carnaúbas, estradas de chão e também o céu. Uma perfeição de detalhe, de cuidado, um olho de carcará na gama de verdes que fazia surgir na superfície. Aquilo me fascinou. Eu queria também, igual, fiar e tecer implacável, com todo tempo do mundo para cada quadrante, ser imperturbável no ritmo e na vontade, dar espaço à uma exuberância sólida e imutável, filha da mais arguta observação, através do toque taimado do pincel.

Meu fluxo de cheias e enchentes, frenético e caudaloso, não sangrava mais. Passei a nadar no talvegue, a favor da corrente, pronta a desaguar, consciente e vigorosa. Tudo havia mudado, graças ao olhar que transpõe o leito e vem inundar, carinhosamente, o ramerrão entediado.

Começaram as piscinas...







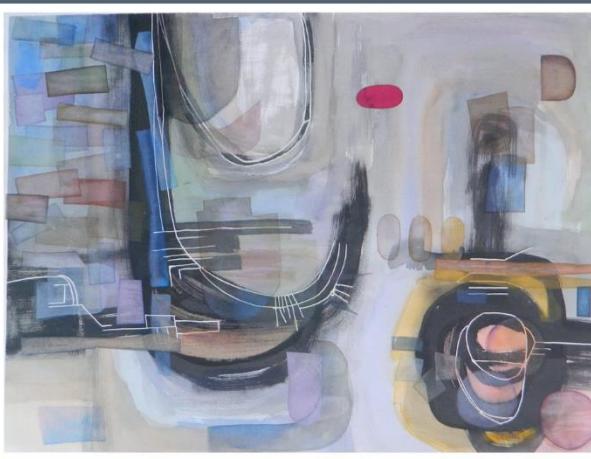
Espelho imediato, sou eu mesma este tanque. Cada piscina é um autorretrato. O tempo se distorce nas bordas enquanto a imagem se constrói, não existe pressa. Cada nuance é um banquete aos sentidos, a cor existe, é sublime e sem modéstia - quantos azuis serão possíveis? Claramente, muitos além daqueles que pude enxergar. Esse tanque vazio sou eu. Uma piscina vazia é a própria saudade.

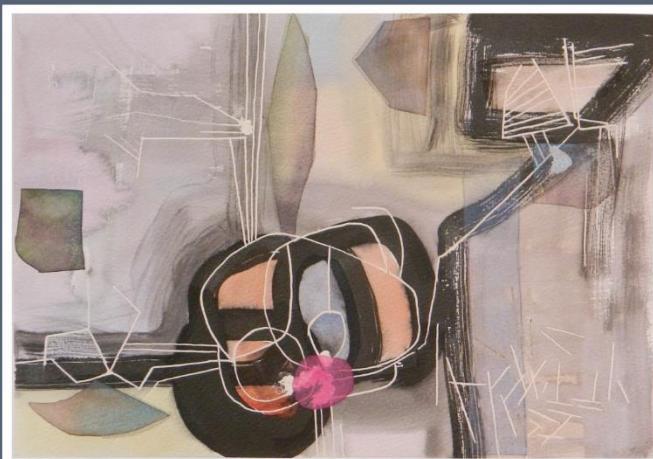
Gostaria de entregar uma solução, uma chave, uma perfeita forma geométrica. No entanto, entrego uma rocha desgastada pela água. É grave o fascínio a respeito do poder imaginativo que a matéria alimenta, posso dizer que trata-se da semente mais íntima de qualquer pintura que possa me acontecer.

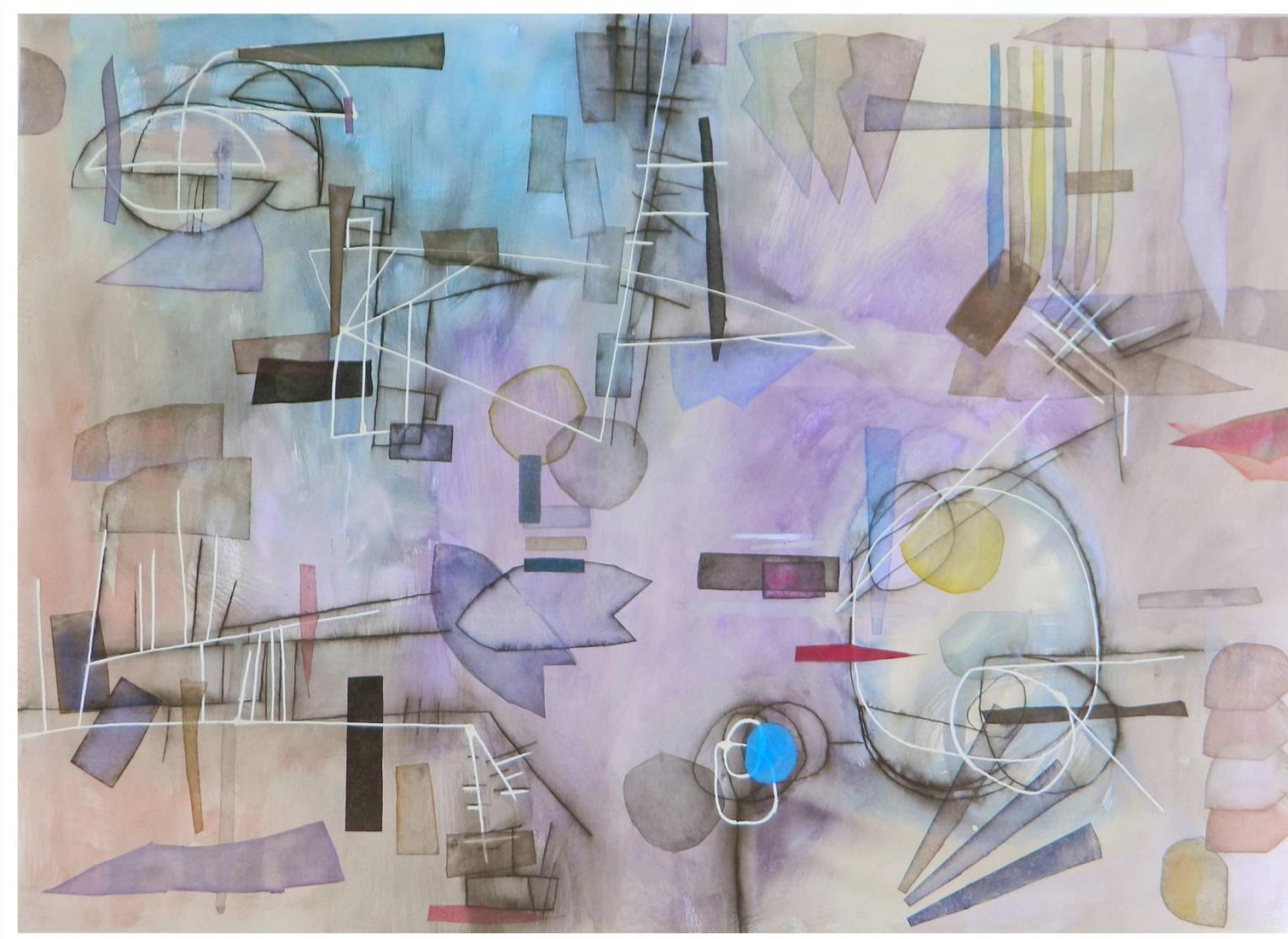
Algo foge. Ah, sempre foge. Começo na mira, a certeira pontaria, olho de atirador reto em imaginação. A água no papel toma formas: é uma, diversa, estando encharcada, depois, outra, úmida, e a final, terceira, quando já seca. Não há como reter dentro de limite traçado, pois corre e expande obedecendo à natureza que pertence. Aquilo que comecei nunca se emparelha com o que terminei, e sinto meus braços afluentes rios para desaguar no mar. Uma imagem sem posse eu desvelo na lâmina d'água.

A coisa pronta. Aqui a coisa parada. Em potência é sentimento, segredo que não releva. Mas todas juntas são um corpo, penso. Com pontes de cores que se tocam, e parecem se continuar em movimento de linhas. São inúteis. Isso porque não chegam a nada, não dizem resultado exato. Não há finalidade, somente percurso.

Apresento meu fluxo.







REFERÊNCIAS

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. António Maria Pereira (colab.), 1934. Lisboa: Ática, 1972. 10. ed., p. 70.

LISPECTOR, Clarisse. **Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres**. p. 41. Disponível em: <<https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2015/07/uma-aprendizagem-ou-o-livro-dos-prazeres-clarice-lispector.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

HESSE, Hermann. **Sidarta**. p. 83. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/7007678/Hermann-Hesse-Sidarta>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

BANDEIRA, Manuel. Disponível em: <http://www.triplov.com/poesia/manuel_bandeira/rio.htm>. Acesso em: 19 jun. 2017.

ABREU, Caio Fernando. **O ovo apunhalado**. Porto Alegre: L&PM, 2001. p.10

LEIVICK, H. **Dois vezes dois quatro (Spinoza Cycle, n. 11)**. Tradução nossa. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=b5LttgoYUNwC&pg=PA113&lpg=PA113&dq=h.+leivick+soul+counts&source=bl&ots=TqNVYsq03b&sig=MMeoZSELIgXtEuN13fj0g4dQyNo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiumMqrscrUAhVLh5AKHQZdAzkQ6AEIJzAA#v=onepage&q=h.%20leivick%20soul%20counts&f=false>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

NETO, João Cabral de Melo. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p.95.

ÍNDICE DE IMAGENS

1. Sem título; aquarela; 40 x 28 cm, 2013
2. Sem título; aquarela; 55 x 36 cm, 2013
3. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2012
4. Sem título; aquarela; 36 x 25 cm, 2012
5. Sem título; aquarela; 21 x 16,5 cm, 2012
6. Sem título; aquarela; 71,5 x 53,5 cm, 2012
7. Sem título; aquarela; 72 x 51,5 cm, 2013
8. Sem título; aquarela; 62 x 52 cm, 2013
9. Sem título; aquarela; 53,5 x 36 cm, 2013
10. Sem título; aquarela; 72 x 51 cm, 2013
11. Sem título; aquarela; 55 x 36 cm, 2013
12. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
13. Sem título; aquarela; 55 x 36 cm, 2013
14. Sem título; aquarela; 53 x 36 cm, 2013
15. Sem título; aquarela; 39,5 x 27 cm, 2013
16. Sem título; aquarela; 73 x 52 cm, 2013
17. Sem título; aquarela; 55 x 35 cm, 2013
18. Sem título; aquarela; 54,5 x 36 cm, 2013
19. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
20. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
21. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
22. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
23. Sem título; aquarela; 30x 22 cm, 2013
24. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
25. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
26. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
27. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
28. Sem título; aquarela; 39 x 27,5 cm, 2013
29. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
30. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
31. Sem título; aquarela; 52 x 35,5 cm, 2013
32. Sem título; aquarela; 72 x 51 cm, 2013
33. Sem título; aquarela; 54,5 x 36 cm, 2013
34. Sem título; aquarela; 73 x 53 cm, 2013
35. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
36. Sem título; aquarela; 52 x 35,5 cm, 2013
37. Sem título; aquarela; 52 x 35,5 cm, 2013
38. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
39. Sem título; aquarela; 30 x 22 cm, 2013
40. Sem título; aquarela; 54,5 x 35,5 cm, 2013
41. Sem título; aquarela; 74 x 52,5 cm, 2013
42. Sem título; aquarela; 74 x 54,5 cm, 2013
43. Sem título; aquarela; 73,5 x 52 cm, 2013
44. Sem título; aquarela; 54,5 x 36 cm, 2013
45. Sem título; aquarela; 52 x 35 cm, 2013
46. Sem título; aquarela; 54,5 x 36 cm, 2013
47. Sem título; aquarela; 55 x 36 cm, 2013
48. Sem título; aquarela; 54 x 35,5 cm, 2013
49. Sem título; aquarela; 54 x 35,5 cm, 2013
50. Sem título; aquarela; 27 x 20 cm, 2013
51. Sem título; aquarela; 74 x 52,5 cm, 2013
52. Sem título; aquarela; 40,5 x 28 cm, 2013
53. Sem título; aquarela; 74,5 x 52 cm, 2013
54. Sem título; aquarela; 39,5 x 27,5 cm, 2013
55. Sem título; aquarela; 72 x 53,5 cm, 2013
56. Sem título; aquarela; 53 x 35,5 cm, 2014
57. Sem título; aquarela; 71,5 x 51,5 cm, 2014
58. Sem título; aquarela; 72 x 54,5 cm, 2017
- 59 a 76. Sem títulos; aquarelas; 74 x 54 cm (aprox.), 2013
77. Sem título; aquarela; 74 x 54 cm, 2013

